

A PERIFERIA PELA PERIFERIA: CONSTRUÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS URBANAS E O IMAGINÁRIO DO DIREITO À CIDADE

Karina Malachias Domingos dos Santos ¹

RESUMO

Este estudo visa compreender as práticas envolvidas na produção da periferia urbana contemporânea, utilizando o cotidiano como categoria analítica. Ancorando-nos em autores como Frehse, Goffman e Lefebvre, exploramos a experiência urbana periférica, considerando elementos como espacialidade e corporeidade dos sujeitos periféricos. Com foco nas periferias da zona leste de São Paulo, especialmente Cidade Tiradentes e São Mateus, investigamos a relação desses espaços com o Direito à Cidade. Essas periferias, buscando estabelecer narrativas próprias, são compreendidas como espaços autênticos. Os resultados parciais deste estudo de mestrado analisam as experiências urbanas e a construção do imaginário do Direito à Cidade na perspectiva periférica, contribuindo para uma compreensão mais profunda da interação entre a vivência cotidiana nas periferias urbanas contemporâneas e a busca pelos direitos urbanos fundamentais.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano; cotidiano; periferia urbanas; direito à cidade.

ABSTRACT

This study aims to comprehend the practices involved in the production of contemporary urban periphery, using everyday life as an analytical category. Anchoring ourselves in authors such as Frehse, Goffman, and Lefebvre, we explore the peripheral urban experience, considering elements such as spatiality and corporeality of peripheral subjects. Focusing on the peripheries of the eastern zone of São Paulo, especially Cidade Tiradentes and São Mateus, we investigate the relationship of these spaces with the Right to the City. These peripheries, seeking to establish their own narratives, are understood as authentic spaces. The partial results of this master's study analyze urban experiences and the construction of the imaginary of the Right to the City from the peripheral perspective, contributing to a deeper understanding of the interaction between everyday life in contemporary urban peripheries and the pursuit of fundamental urban rights.

Keywords: Production of urban space; everyday life; urban peripheries; right to the city.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, karina.malachias@unesp.br;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste compreender conceitual e analiticamente as práxis do processo sobre a produção periferia urbana contemporânea, em suas narrativas próprias. Como uma categoria de análise, nos assentamos no cotidiano, em Frehse (2016), Goffman (1967) e Lefebvre (1974), para desenvolver a perspectiva sobre a experiência urbana (Telles, 2005) que consiste na espacialidade, percepção, corporeidade dos sujeitos periféricos em seu movimento e entendimento sobre a sua urbanidade.

Para isto, compreendemos o cotidiano como fundante a esta análise. O campo da experiência urbana periférica nos traz a possibilidade de investigar a relação com o Direito à Cidade (LEFEBVRE, 1969), pela multiplicidade e diversidade das periferias urbanas, propriamente com o recorte da zona leste de São Paulo em Cidade Tiradentes e São Mateus. Periferias que se configuram a partir de uma tentativa de estabelecer uma narrativa própria sem a necessidade de mediadores, assim como defende D'Andrea (2020), ao conceituar os sujeitos periféricos.

Desta forma, como resultado parcial, apresentaremos análises de pesquisa de nível de mestrado, sinalizando e analisando as experiências urbanas e construção do imaginário do Direito à Cidade pela perspectiva da periferia, como compreendemos tal relação no urbano.

METODOLOGIA

A abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa visa aprofundar a compreensão da Experiência Urbana e Mobilidade Urbana por meio de narrativas detalhadas coletadas por meio de entrevistas. O período de coleta de dados abrangeu todo o ano de 2022, proporcionando uma visão abrangente das experiências vividas pelos participantes nesse intervalo de tempo.

A escolha de entrevistas gravadas e transcritas como método de coleta de dados permite a captura detalhada das histórias, percepções e desafios enfrentados por mulheres jovens que residem na periferia leste da cidade de São Paulo. Essa abordagem qualitativa

proporciona uma riqueza de informações, permitindo a análise aprofundada das nuances da experiência urbana e da mobilidade em um contexto periférico.

Ao focar especificamente em mulheres jovens, a pesquisa visa destacar as vozes e perspectivas muitas vezes sub-representadas nos estudos urbanos. Compreender como essas mulheres percebem e vivenciam a cidade, especialmente considerando as complexidades da mobilidade urbana, contribui para uma compreensão mais holística das dinâmicas urbanas na periferia.

A escolha de delinear o estudo para a periferia leste de São Paulo enfatiza a importância de considerar as especificidades geográficas e sociais que influenciam a experiência urbana nessa região. A periferia muitas vezes enfrenta desafios únicos, como acesso limitado a serviços, infraestrutura precária e questões de segurança, que podem moldar significativamente a forma como os residentes interagem com o ambiente urbano.

Nesse contexto, analisar as narrativas dessas mulheres jovens não apenas enriquece a compreensão acadêmica da experiência urbana, mas também fornece insights valiosos que podem informar políticas públicas mais inclusivas e estratégias de planejamento urbano sensíveis às necessidades específicas das comunidades periféricas. Este enfoque metodológico reforça o compromisso em construir uma pesquisa que não apenas documente, mas também dê voz às experiências individuais e coletivas dessas mulheres jovens na periferia de São Paulo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A contribuição conceitual e analítica ao pensamento epistemológico concernente às periferias, focalizando, principalmente, na práxis e produção das periferias urbanas contemporâneas. Tais áreas são notáveis por seus processos, dinâmicas e transformações, visando enriquecer o diálogo acadêmico sobre o tema. O conceito de periferia, desenvolvido a partir da década de 1930 e solidificado na década de 1970, emerge das discussões acerca das novas realidades do espaço urbano.

Lefebvre (1970), ao explorar o processo de reprodução do espaço na perspectiva das periferias, destaca a influência do capitalismo na produção do espaço urbano e suas repercussões nas áreas periféricas. Ilustrativamente, a periferia, em suas diversas acepções, é sintetizada a partir de uma interpretação a priori, caracterizada frequentemente como uma região localizada nos arredores ou nos limites de um centro urbano. Essas áreas muitas vezes se distinguem por condições socioeconômicas menos favoráveis em comparação com regiões mais centrais, podendo enfrentar desafios relacionados à infraestrutura urbana, serviços públicos e qualidade de vida. Diante do exposto, almejamos aprimorar o debate conceitual categorizado desses espaços, destacando a não homogeneidade em suas manifestações e origens, com base nos elementos intrínsecos à pesquisa.

As periferias urbanas, enquanto espaços de fundamental relevância para os estudos em Geografia Urbana, assumem um papel crucial ao se debruçarem sobre os intrincados processos de urbanização, segregação, desigualdade e transformações socioespaciais. Estas dinâmicas moldam significativamente tais áreas, conferindo-lhes uma importância incontestável na configuração das cidades contemporâneas.

No âmbito de uma abordagem crítica, a urbanização, quando contextualizada em relação à interação entre o capital e as periferias, conforme proposto por Canetti (2019) e em consonância com as reflexões de Merrifield (2015), destaca a periferia como um subproduto da urbanização, sendo esta uma perspectiva crítica. O autor enfatiza a visão de que a urbanização, ao gerar disparidades sociais, atribui à periferia a condição de resíduo desse processo urbano, evidenciando os elementos que denotam a não efetivação das práticas periféricas, emergindo assim a sombra da urbanização concreta.

As periferias são parte constituinte fundamental para a existência do urbano como conhecemos. Sua existência como negativo é o que permite à totalidade capitalista se reproduzir no tempo. Assim, seria possível afirmar que as periferias formam uma rede de mediações tanto materiais como subjetivas que sustentam as relações sociais de produção e são produzidas por ela – assim como também é o centro (CANETTIERI, 2019, pg.163). Quando nos deparamos com a vertiginosa urbanização, as periferias e sua reprodução nos domínios social, econômico e biológico surgem como um foco incontestável de estudo. Davis (2006) e Smith (1996) argumentam que a expansão urbana desenfreada nas metrópoles,

impulsionada pela busca por moradias acessíveis, levou a população a se estabelecer em áreas periféricas, resultando em aglomerações informais, carência de infraestrutura básica e condições de vida precárias. Desse modo, emergem áreas de segregação socioespacial como corolário dessas dinâmicas, característica proeminente nas periferias urbanas, tema explorado por diversos acadêmicos.

Wilson (1987) aprofunda-se na noção de "concentração de desvantagens" em áreas periféricas, onde elementos como pobreza, desemprego e falta de acesso a serviços se entrelaçam, perpetuando ciclos de exclusão. Por sua vez, Wacquant (2008) discute o conceito de "gueto avançado", enfatizando como as periferias se metamorfoseiam em espaços segregados, intensificando a marginalização social. Santos (1987), em sua obra "Espaço do Cidadão", inicialmente, levanta questionamentos profundos para a análise periférica, abordando a cidadania e a configuração do ser cidadão no Brasil no início da década de 1990.

O autor aponta para uma intrínseca correlação entre o território e a cidadania, questionando quem, de fato, constitui a cidade e para quem ela é concebida. Desta maneira, refletimos sobre a construção dos sujeitos, assim como suas interações com a cidade e a condição de habitar na periferia. Santos (1987) destaca que:

“Morar na periferia é condenar-se duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modo territorial.” (SANTOS, 1987, pg. 143)

A vivência na periferia sempre representou uma variável significativa ao delinear as análises teóricas e conceituais a ela atribuídas. Nesse contexto, é pertinente explorar a análise de Kowarick (2009) acerca da produção social da periferia, conforme apresentada em sua obra "Viver em Risco". O autor recapitula a formação das periferias na cidade de São Paulo, centrando-se no fenômeno catalisador da consolidação dessas áreas urbanas periféricas: a autoconstrução. Tal fenômeno se reflete nas paisagens contemporâneas e se insere na competição histórica do processo de expansão populacional urbana. A configuração de bairros populares ou periferias de autoconstrução, segundo Kowarick (2009), foi condicionada por três elementos preponderantes: a expansão das vias, alterações no sistema de transporte e as nuances da legislação de locação.

Previamente a essa elaboração de Kowarick (2009), Hiernaux e Lidón (2004) apresentam a periferia sob a perspectiva de arrabaldes, concebendo-a como algo à margem, com características espaciais de cunho rural e situada em áreas distantes do centro urbano. Durante muitas décadas, antes do acelerado processo de urbanização, as periferias eram descritas sob a nomenclatura de arrabaldes.

Conforme Kowarick (2009) destaca, "Periferias sempre existiram em São Paulo. Nas primeiras décadas do período republicano, eram denominadas de arrabaldes. Contudo, poucos viviam em áreas longínquas do Centro, pois o sistema de transporte, o bonde, produzia um padrão concentrado e concêntrico de expansão urbana, marcado por altas densidades populacionais" (p. 163).

Nesse contexto, retrocedendo à década de 1930, emerge uma nova condição no que concerne à produção do espaço, acentuada pela legislação do inquilinato, conforme abordado anteriormente. Caracteristicamente, até os dias atuais, persiste na composição ou representação das periferias urbanas a prática da autoconstrução, um processo habitacional realizado pelos próprios moradores e categoricamente denominado como tal. Kowarick (2009) argumenta que essa expansão teve origem desde o que foi considerado clandestino e ilegal, segundo a perspectiva do Estado e do poder público, constituindo uma das expressões do denominado padrão periférico.

No que tange à construção de moradias próprias, Kowarick (2009) destaca a árdua jornada envolvida na obtenção da casa própria por meio da prática da autoconstrução. Este método implica na edificação das residências pelos próprios trabalhadores, cuja realização depende tanto do tempo quanto dos recursos financeiros disponíveis para investir na construção de suas moradias. O autor ressalta ainda que a construção de diversos núcleos familiares no mesmo terreno, englobando a residência dos pais, dos filhos já crescidos e casados, ou outros familiares adultos, constitui uma característica marcante das áreas periféricas, baseada nos princípios de reciprocidade e cooperação.

Essa modalidade habitacional, finalmente, configura-se como uma forma de habitação construída por meio do sobretrabalho gratuito, derivado do sobre trabalho

remunerado. Nesse sentido, além das condições socioespaciais e econômicas, a prática da autoconstrução ganha destaque como uma estratégia de segurança para os trabalhadores, dadas as precárias condições habitacionais.

Kowarick (2009) argumenta que a autoconstrução tornou-se mais desafiadora e dispendiosa, especialmente na capital, resultando no rápido aumento da população residente em favelas a partir da década de 1980, quando se iniciou o processo de urbanização dessas áreas. Nesse contexto, a casa própria é percebida como um refúgio que protege as pessoas contra adversidades iminentes e tende a conformar um modo de vida que proporciona uma maior segurança diante das condições precárias de existência enfrentadas pela maioria daqueles que impulsionam as engrenagens produtivas (KOWARICK, 2009, p. 170).

Outra configuração habitacional latente nas periferias são os conjuntos habitacionais, cuja problemática emergiu na década de 1970, conforme evidenciado por Barone (2012). Durante esse período, que ficou conhecido como a "década dos conjuntos habitacionais," o contexto urbano estava permeado pela Ditadura Militar, que viu a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e, posteriormente, da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB), como contextualizado por Freitas (2021). Essas iniciativas contribuíram para o aumento significativo da população nas periferias.

Rolnik (2017) e Maricato (2001) elucidam a intrincada interação entre políticas urbanas, habitação e espaço, destacando como as intervenções estatais, aliadas à especulação imobiliária, resultam em padrões desiguais de ocupação e acesso aos recursos urbanos. Nesse contexto, as políticas habitacionais e a dinâmica entre o Estado e o espaço urbano emergem como questões cruciais na formação da periferia paulistana.

Ao abordar a periferia urbana, Santos (1990) sublinha a complexidade desse fenômeno, indo além de considerações meramente geográficas, para incorporar as desigualdades sociais e a segregação socioespacial. A perspectiva crítica de Santos desafia a visão tradicional da periferia como um espaço distante, propondo uma compreensão mais profunda das dinâmicas políticas e sociais que a configuram. Além disso, Lindón (2004), em

diálogo com Santos (1990), introduz o conceito de "rugosidades" para ilustrar a diversidade intrínseca aos espaços urbanos.

Essas rugosidades" transcendem as características físicas e abrangem as complexas interações entre elementos urbanos, incluindo relações sociais, históricas, espaciais, culturais e econômicas. A abordagem de Santos (1990) nos instiga a considerar o espaço urbano como uma trama intrincada, influenciada por uma multiplicidade de fatores que conferem singularidade e profundidade às nossas cidades, assim como uma variedade de experiências urbanas.

Dessa forma, é imperativo conceituar que as periferias urbanas contemporâneas não se apresentam de forma homogênea. Em suas singularidades e particularidades, essas áreas manifestam dinâmicas e processos distintos, mesmo quando sujeitas a processos estruturantes que ressaltam os aspectos periféricos.

Diante desse panorama, compreendemos que a investigação dos territórios periféricos abordados neste estudo requer aprofundamentos que possibilitem a avaliação de suas potencialidades e similaridades. Nesse contexto, partimos do questionamento sobre quais espaços periféricos estamos discutindo e por que é crucial considerar a periferia não como uma conformidade única. Para ilustrar, apresentaremos as áreas de pesquisa nos distritos de Cidade Tiradentes e São Mateus, localizados na Zona Leste de São Paulo.

Iniciamos nossa abordagem sinalizando a natureza dos espaços periféricos que são objeto de estudo. Como recorte analítico, consideramos a perspectiva da periferia tanto sob o prisma social quanto geográfico (MARES, 2022). Adotamos, em nosso referencial conceitual, uma abordagem que transcende a lógica centro-periferia, buscando compreender a dinâmica periferia-periferia e, posteriormente, as lógicas fragmentárias que permeiam esses espaços.

A formação da periferia em São Paulo, notadamente na Zona Leste, é um processo intrincado que revela a interseção de variáveis geográficas, sociais e históricas, conforme discutido por proeminentes acadêmicos. A expansão urbana desenfreada da metrópole e a migração campo-cidade ao longo do século XX desempenharam papéis fundamentais na configuração dessas áreas periféricas. A análise de Santos (1993) destaca como a rápida urbanização e o crescimento populacional acelerado contribuíram para a formação das

periferias urbanas. Assim, as políticas habitacionais e a relação entre o Estado e o espaço urbano emergem como questões cruciais na formação da periferia paulistana, especialmente quando nos debruçamos sobre a concretização de Cidade Tiradentes.

No contexto específico da Zona Leste, a concretização da periferia, conforme discutido por Bonduki (1998), foi influenciada pela alocação de programas habitacionais. Mesmo com incentivos habitacionais, observou-se a persistência da segregação socioespacial e a precarização da moradia, moldando a paisagem urbana. Kowarick (1993) destaca como a falta de acesso a serviços públicos e a carência de infraestrutura básica na Zona Leste reforçam as desigualdades sociais. A concentração de atividades informais em detrimento de empregos formais nas áreas periféricas perpetua o ciclo de exclusão e limita as oportunidades de desenvolvimento.

No âmbito da discussão sobre a periferia, D'Andrea (2014) contribui para a conceituação desse termo, destacando os diversos pilares que fundamentam a evolução da compreensão da periferia como conceito e realidade. A construção e reconstrução do significado do termo têm sido objeto de disputa teórica na academia, envolvendo autores marxistas como Bonduki e Kowarick, além de movimentos sociais que, em certos momentos históricos, dialogam com a academia. Movimentos artísticos populares e a indústria do entretenimento também desempenharam papéis significativos nesse processo de redefinição.

Dentro desse contexto de ressignificação do conceito de periferia pela própria periferia, destaca-se a ideia de assumir conscientemente a identidade periférica como fio condutor. É relevante notar a apropriação desse conceito por parte de coletivos culturais como uma voz de denúncia, mas também como um esforço para qualificá-lo. A periferia não deve ser vista apenas sob a perspectiva da precariedade e da violência; ela também abriga subjetividades, resistências e a noção do sujeito-agente (Wacquant, 2008; Davis, 2006).

Inserido nesse contexto de complexidade e diversidade, é crucial considerar as contribuições de outros estudiosos que se dedicaram à temática das periferias urbanas. Nesse sentido, Gomes (2007) oferece uma análise aprofundada sobre as dinâmicas sociais nas periferias, destacando as formas de organização comunitária e os processos de resistência. A

autora ressalta a importância de compreender as periferias não apenas como espaços de carência, mas como locais de construção de identidades e lutas políticas.

Outro autor relevante para a discussão é Maricato (2000), que aborda as questões urbanas no contexto brasileiro. Sua análise crítica sobre o processo de urbanização e a formação de periferias evidencia a interligação entre as decisões políticas, econômicas e sociais na configuração dos espaços urbanos. Ao considerar a influência de políticas habitacionais e a especulação imobiliária, Maricato oferece uma perspectiva abrangente sobre as origens e transformações das periferias urbanas.

No campo das reflexões contemporâneas, Harvey (2008) fornece insights valiosos sobre a produção do espaço urbano e as dinâmicas do capitalismo. Sua abordagem crítica destaca como as forças econômicas moldam as cidades, contribuindo para a reprodução das desigualdades. Ao aplicar essa análise ao contexto das periferias urbanas, podemos ampliar nossa compreensão sobre as relações entre estruturas globais e experiências locais.

Portanto, ao expandir o arcabouço teórico com as contribuições de Gomes (2007), Maricato (2000) e Harvey (2008), enriquecemos a análise das periferias urbanas, considerando diferentes perspectivas e abordagens. Esses autores fornecem insights valiosos que complementam e aprofundam as reflexões iniciadas por Santos (1990) e Lindón (2004), contribuindo para uma compreensão mais abrangente e contextualizada das complexas realidades urbanas periféricas.

As vivências urbanas nas periferias e entre a população de baixa renda estão intrinsecamente ligadas à mobilidade e às complexas teias de relações sociais que se desdobram nos contextos urbanos. Enquanto a cidade se revela como um palco multifacetado de experiências, as perspectivas dos indivíduos periféricos e economicamente desfavorecidos moldam-se de maneira singular, ressaltando desafios e adaptações específicas no que diz respeito à mobilidade e às interações sociais.

Nas periferias urbanas, a mobilidade frequentemente é marcada por desafios inerentes à infraestrutura deficiente e à falta de investimentos em transporte público eficiente. A escassez de opções de deslocamento pode impactar diretamente a qualidade de vida dos

habitantes, limitando o acesso a oportunidades educacionais, culturais e de emprego (Gutiérrez, 2015). As condições precárias das vias, a insuficiência de calçadas e a falta de ciclovias são barreiras físicas que dificultam a locomoção diária. A dependência do transporte público, muitas vezes sujeito a superlotação e atrasos, destaca a necessidade de melhorias na infraestrutura de mobilidade nas periferias. A falta de acessibilidade e a desigualdade no acesso aos meios de transporte amplificam as disparidades sociais, tornando essencial repensar políticas públicas que promovam uma mobilidade mais inclusiva e equitativa.

As relações sociais nas periferias constroem em um contexto de proximidade e vizinhança, muitas vezes reforçando laços comunitários robustos. A escassez de recursos compartilhados e a necessidade de enfrentar desafios cotidianos comuns fortalecem os

vínculos sociais, resultando em redes de apoio solidárias (Santos, 1990). Essas conexões comunitárias, por vezes, contrabalançam as limitações de mobilidade ao proporcionar suporte e colaboração entre os residentes. Contudo, é importante reconhecer que, em alguns casos, a carência de serviços públicos adequados e a segregação socioespacial podem criar ambientes propícios para a marginalização e a exclusão social. As relações sociais nas periferias podem ser afetadas por desafios estruturais, evidenciando a necessidade de intervenções que promovam a coesão social e a inclusão.

Ao entrelaçar as experiências urbanas com os desafios de mobilidade e as dinâmicas sociais nas periferias, torna-se claro que a cidade é um espaço complexo, onde as vivências são moldadas por fatores interconectados. Referências provenientes da sociologia, etnografia e outras disciplinas afins são cruciais para a compreensão dessas experiências urbanas. Estudos sociológicos e etnográficos, como os de Bourdieu (1984) e Whyte (1943), exploram a dinâmica das comunidades urbanas, oferecendo insights valiosos sobre as interações sociais, estruturas de poder e a formação de identidades nos contextos urbanos periféricos. As narrativas desses estudos adicionam camadas de compreensão às experiências vivenciadas nas

periféricas, enriquecendo a análise e proporcionando uma visão mais holística das complexidades urbanas.

As vivências urbanas são intrínsecas à vida nas cidades, moldando interações diárias, percepções individuais e a essência coletiva que define o ambiente urbano. Santos (2008)

destaca que as cidades são palcos onde diversas facetas da vida se entrelaçam, proporcionando uma riqueza de experiências, desde o cotidiano até eventos extraordinários.

A diversidade de espaços urbanos é central para essas experiências, indo de praças movimentadas a vielas tranquilas, cada lugar carregando uma narrativa única construída por interações sociais, atividades culturais e a interconexão de elementos físicos e simbólicos (Jacobs, 1961). A vivacidade de um mercado, a serenidade de um parque ou a agitação de uma rua comercial contribuem para a polifonia urbana, enriquecendo as experiências dos habitantes e visitantes.

A mobilidade urbana também é crucial. A qualidade do transporte público, ciclovias, calçadas acessíveis e espaços para pedestres influenciam diretamente como as pessoas se movem e interagem com a cidade (Gehl, 2010). Uma cidade que favorece a mobilidade sustentável cria experiências urbanas mais inclusivas e vibrantes.

As dimensões culturais das cidades são outra peça fundamental. Arquitetura, eventos artísticos e manifestações culturais moldam a identidade de uma cidade, influenciando as percepções individuais e coletivas (Florida, 2002). Preservar o patrimônio histórico e promover a diversidade cultural são essenciais para criar uma tapeçaria urbana rica em experiências.

Entretanto, é crucial reconhecer que as experiências urbanas também enfrentam desafios, como segregação socioespacial, falta de acesso a serviços básicos e disparidades econômicas (Marcuse, 1997). Compreender e abordar essas questões é fundamental para promover experiências urbanas mais equitativas e sustentáveis.

Em resumo, as cidades são arenas dinâmicas onde as experiências cotidianas se desdobram de maneiras diversas. Cada interação, espaço e evento contribuem para a

construção do tecido urbano, criando uma narrativa coletiva que reflete a complexidade e diversidade da vida urbana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao aprofundarmos a análise das narrativas apresentadas, é possível notar como as experiências urbanas nas periferias transcendem a mera geografia física, adentrando o âmbito das percepções subjetivas e dos significados atribuídos pelos moradores. Guta, ao expressar seu desconforto com a poluição e a periculosidade em Cidade Tiradentes, revela a ambivalência desses espaços. Embora a presença de árvores seja destacada como visualmente agradável, a coexistência com a poluição e a periculosidade ilustra a complexidade de habitar uma área periférica.

A interação entre fatores sociais é evidente nas narrativas, indicando que a experiência urbana não é apenas uma questão de deslocamento físico, mas também de como esses deslocamentos são mediados por contextos sociais e culturais. Joana, ao abordar a falta de hostilidade ao transitar entre periferias, destaca a solidariedade e a afinidade presentes nessas comunidades. Por outro lado, a menção à possível hostilidade em áreas mais abastadas destaca as barreiras sociais e econômicas que permeiam a cidade, revelando as nuances das relações sociais urbanas.

A compreensão do cotidiano, conforme destacado por Lefebvre (2021) e reforçado por Santos (2022), oferece uma lente através da qual podemos captar não apenas as ações aparentes, mas as estruturas profundas que moldam as experiências urbanas. No contexto periférico, a vivência do Direito à Cidade é, portanto, inseparável da compreensão do cotidiano, das dinâmicas sociais e das peculiaridades dessas áreas.

O **Quadro 1**, ao apresentar essas percepções, abre espaço para reflexões mais amplas sobre como a mobilidade e as relações sociais se entrelaçam na construção da experiência urbana periférica. Essa análise mais abrangente possibilita uma compreensão mais holística das demandas e potencialidades dessas comunidades, essencial para informar políticas urbanas mais inclusivas.

Além disso, a pluralidade de vozes presentes nas entrevistas destaca a importância de reconhecer a diversidade dentro das periferias. Não se trata de uma experiência única, mas de uma tessitura complexa de histórias individuais que se entrelaçam para formar a tapeçaria urbana. Essa diversidade deve ser considerada na formulação de estratégias e políticas que buscam a promoção do Direito à Cidade, reconhecendo e valorizando as múltiplas perspectivas que moldam as experiências urbanas periféricas.

Quadro 1: Narrativas sobre a experiência urbana periférica e possibilidades em repensar o Direito à Cidade.

Guta², mulher jovem moradora de Cidade Tiradentes, retrata sua experiência urbana, comparativa ao lugar onde reside (**Figura 1**) e onde trabalha.

“Cidade Tiradentes é muito mais poluído, é claro que principalmente ali onde eu moro tem árvores mais árvores e parece ser mais bonito em alguns pontos, mas é muito mais poluído não é um lugar legal sabe, não é um lugar legal aqui eu acho mais tranquilo acho que pela tranquilidade de não ser um lugar perigoso já me deixa melhor sabe, lá em Tiradentes de certos pontos assim que são mais bonitos pela natureza que tem bastante, não sei se já viu a parte de trás da minha casa é uma floresta mesmo, só que é super perigosos não é um lugar legal, eu me sinto bem melhor aqui do que lá.” [recorte do texto transcrito da entrevista]

Joana, acentuando a diferenciação dos espaços periféricos pela cidade.

“a relação que eu ia te falar sobre as quebradas assim eu não sinto hostilidade lá no Jova Rural (**Figura 2**) porque eu vou de uma periferia a outra, então lá eu tô de frente com realidades muito próximas as minhas e com o mesmo ambiente que eu já vivo e tenho dado aula, por exemplo, então eu não tipo assim não sinto tanta hostilidade por exemplo se eu trabalhasse na Faria Lima, numa Linha Amarela, num lugar com uma condição social extremamente taxada sabe galera de nariz em pé e tal. Eu acredito que tenha sido muita sorte de ter conseguido tramar em outro campo periférico porque Jova Rural, a Fábrica é muito aberta é o primeiro local de trabalho com o mínimo de afetividade que eu já vivenciei na minha vida assim” [recorte do texto transcrito da entrevista]

Grifos da autora nas entrevistas realizadas em 2022.

² Nomes fictícios preservando a identificação dos colaboradores.



Figura 1: Estação da CPTM Guaianases, 2022



Acervo de pesquisa, 2022.

Figura 2: Paisagem da Fábrica de Cultura em Jova Rural, periferia da Zona Norte de São Paulo, 2022



Acervo de pesquisa, 2022.

As narrativas de Guta e Joana proporcionam uma análise profunda das experiências urbanas nas periferias de São Paulo, revelando nuances significativas que moldam a vivência cotidiana desses cidadãos. Vamos explorar essas análises mais a fundo:

Guta, destaca a dualidade de sua experiência em Cidade Tiradentes, onde os elementos naturais coexistem com desafios significativos relacionados à poluição e periculosidade. Sua

análise reflete a tensão entre a preservação ambiental e as preocupações com a segurança, ressaltando como a qualidade de vida nas periferias muitas vezes é afetada por conflitos e questões de ordem pública. A perspectiva de Guta destaca a importância de considerar não apenas as condições sociais, ao abordar as experiências urbanas nas periferias.

Joana, oferece uma visão única da solidariedade entre as periferias, indicando uma harmonia percebida ao transitar entre diferentes comunidades. Sua análise destaca a falta de hostilidade, contrastando isso com uma possível sensação de exclusão e estigma em áreas mais privilegiadas. Essa perspectiva sublinha a importância das relações interpessoais e da comunidade na formação das experiências urbanas. Joana destaca como a identidade periférica pode ser um fator de coesão e apoio mútuo entre comunidades semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência urbana nas periferias, conforme evidenciada nas narrativas de Guta e Joana, sociais, adentrando questões profundas de identidade, luta e resistência. A periferia não é apenas um espaço geográfico; é um território carregado de significados e trajetórias singulares.

Ao considerar a percepção de Guta sobre Cidade Tiradentes, observamos que a natureza exuberante da região contrasta com os desafios e a sensação de insegurança. Essa dualidade reflete uma realidade complexa, onde a beleza natural coexiste com a precariedade urbana, tornando a periferia um palco de múltiplas narrativas.

A fala de Joana, por sua vez, ressalta a solidariedade e o entendimento entre diferentes periferias. A ausência de hostilidade ao transitar entre Jova Rural e outras quebradas revela a construção de uma identidade periférica compartilhada, baseada em experiências similares de desafios e superações. Esse sentimento de comunidade se traduz em redes de apoio e afetividade, desafiando estigmas associados às periferias.

Além disso, é crucial destacar que a periferia não é um espaço homogêneo. A diversidade de experiências, histórias e culturas nas periferias urbanas exige uma abordagem sensível que considere as nuances de cada contexto. A luta por direitos, reconhecimento e

dignidade é uma constante nessas áreas, e as narrativas individuais de Guta e Joana ecoam as vozes de muitos que buscam uma reconfiguração do espaço urbano.

Nesse sentido, repensar o Direito à Cidade nas periferias não é apenas uma questão de infraestrutura, mas também de reconhecimento e empoderamento. Valorizar as expressões culturais, promover oportunidades igualitárias e criar políticas públicas inclusivas são passos cruciais para transformar a periferia em um espaço de potencial, inovação e pertencimento.

Assim, as narrativas apresentadas oferecem um olhar aprofundado sobre a experiência urbana nas periferias, convidando a uma reflexão mais abrangente sobre como moldamos e percebemos nossas cidades, reconhecendo a riqueza intrínseca às comunidades periféricas.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio e fomento à pesquisa. E ao Grupo de Trabalho Direito à cidade na pesquisa geográfica: escalas, dimensões e desafios pelas contribuições e partilhas por uma construção de cidades justas.

REFERÊNCIAS

BONDUKI, N. Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. Editora Estação Liberdade, ([2007] 1998).

BOURDIEU, P. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento do Gosto**. São Paulo: Edição. 2ª Editora. Zouk, 2011.

CANETTIERI, N. **O Futuro da Periferia: Crise Urbana, Trabalho Precário e Nova Ruralidade**. Editora: Alameda, 2019.

DAVIS, M. **Planeta das Favelas**. Editora: Verso, 2006.

D'ANDREA, T. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese (doutorado em sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo (2011)

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 19-36, 2020.

FREHSE, F. Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos da urbanização. **Civitas - Revista de Ciências Sociais [online]**. 2016, v. 16, n. 1 , pp.

FREITAS, C. A. O. **Mulheres e periferias como fronteiras: o tempo-espaço das moradoras do Conjunto Habitacional José Bonifácio** / Carolina Alvim de Oliveira Freitas -- São Paulo : FAUUSP, 2021. (Coleção Caramelo) 258 p.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual. Garden City**: Anchor Books, 1967.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana. Ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro**: Bertrand Brasil, 2002. p. 169-191.

GEHL, J. **Cidades para Pessoas**. Editora: Island Press, 2010.

GUTIÉRREZ, J. M. Mobilidade Urbana e Desigualdade Socioespacial: Reflexões a Partir do Caso Brasileiro. **Revista de Administração Pública**, 49(6), 2015.

HIERNAUX, D.; LIDÓN, A. **Arrabaldes e Povoações. Lugar Comum**, 18-19, 2004.

JACOBS, J. **A Morte e a Vida das Grandes Cidades Americanas**. Editora: Vintage, 1961.

KOWARICK, L. **Viver em Risco: Sobre a Vulnerabilidade Socioeconômica de Famílias Populares Paulistanas**. Editora: Editora 34, 2009.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. University of Minnesota Press, 1970.

LEFEBVRE, H. **Elementos da ritmanálise e outros ensaios sobre a temporalidades. Rio de Janeiro**: Consequência Editora, 2012. [2022]

MARCUSE, P. **Urbanização e Políticas Urbanas nas Cidades da Ásia Pacífico**. *Review of International Political Economy*, 4(2), 1997.

MARES, Rizia Mendes. **Fragmentação socioespacial e práticas espaciais do viver: Experiências e Representações Urbanas em Cidades Medianas da Bahia**. 374f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente, 2022.

MARICATO, E. **Brasil, Cidades: Alternativas para a Crise Urbana**. Editora: Vozes, 2001.

MERRIFIELD, A. **A Nova Questão Urbana**. Editora: Pluto Press, 2015.

ROLNIK, R. **Guerra dos Lugares: A Colonização da Terra e da Moradia na Era das Finanças**. Editora: Boitempo, 2017.

SANTOS, K. M. **A CONDIÇÃO DE MOBILIDADE NO COTIDIANO PERIFÉRICO NA CIDADE DE SÃO PAULO - SP**. Anais do XVII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 11 a 15 de novembro de 2022. Curitiba [recurso eletrônico]: geografia urbana, estudos urbanos/organizado por Departamento de Geografia/UFPR. [realização DEGEO/UFPR: ESC, 2022. ISSN: 2275-5143. Acesso em 15 maio de 2023.



SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Editora: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. **Espaço do Cidadão**. Editora: Nobel, 1987.

TELLES, V. **Pontos e linhas II Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade**. In: Vera da Silva Telles e Robert Cabanes (orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, ([2005] 2006).

WACQUANT, L. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WACQUANT, L. **Marginais Urbanos: Uma Sociologia Comparativa da Marginalidade Avançada**. Polity. 2008.

WHYTE, W. F. **Street Corner Society: A Estrutura Social de uma Favela Italiana**. Zahar; 1ª edição ([2005] 1943).

WILSON, W. J. **Os Verdadeiramente Desfavorecidos: A Cidade Interna, a Subclasse e a Política Pública**. University of Chicago Press, 1987.